THE Radical Designist

:: A DESIGN CULTURE JOURNAL :: UNIDCOM :: IADE :: FCT

DESENHAR PARA PERCEBER: UMA PEDAGOGIA DA PERSPICÁCIA NO DESENHO DE OBSERVAÇÃO::

EDUARDO CÔRTE-REAL

"(...) não é uma volta nostálgica pelo passado, nem é o remorso de quem trocou o pintar pelo projectar".

Daciano da Costa, "Memória Justificativa" em *Croquis de Viagem*[1]

Na primeira reunião de avaliação em que participei como assistente de Daciano da Costa, ainda nos anos oitenta do século passado, fui surpreendido com um aspecto aparentemente decisivo na avaliação dos desenhos: a qualidade da "Perspicácia". Nos desenhos dos melhores alunos, aqueles que eu julgava que tinham obtido melhores resultados e consequentemente conseguiam produzir imagens com verosimilhança, existiam alguns que eram mais perspicazes que outros.

"Este, é muito mais perspicaz – dizia-nos Daciano, - não te parece?"

Confesso que não a sabia distinguir, nem me ocorria como tal qualidade poderia ser evidente. Como em muitas outras coisas, o aprendiz deve fingir que percebeu e esperar por melhor oportunidade para ir percebendo.

Alguns anos depois li um livro de Peter Dormer, *The Art of the Maker*[2], onde era apresentado o papel da transmissão de conhecimento tácito no ensino e aprendizagem das artes ditas práticas. Posso, à distância de vinte anos, reconhecer que reconhecer *perspicácia* era uma tarefa pedagógica que foi sendo transmitida tacitamente no decurso de muitas sessões de avaliação.

Este texto procura estabelecer a importância do desenho de observação no edifício teórico - didáctico de Daciano da Costa, reflectindo especificamente no conceito de Perspicácia e quanto este é útil aos candidatos a designers e a arquitectos.

---

[2] DORMER, Peter, *The Art of the Maker*, Thames&Hudson, Londres, 1994

Um Mazagran na Bénard,
Ou a solução perfeita para quem trabalha no fundo de um poço:

Numa tarde de calor do princípio de Setembro, nos finais dos anos oitenta, saídos de uma reunião, fomos subindo o Chiado. Eu vivia na Calçada do Combro, muito perto da Travessa Condessa do Rio. O Professor Daciano tinha o hábito de andar de braço dado e assim andar conversando. Frente à Benárd, parámos e ele convidou-me a por ali ficarmos um pouco resumindo e remoendo a reunião. Como acontecia ciclicamente "os senhores arquitectos", como ele dizia, tinham procurado "impingir" o desenho técnico à disciplina de Desenho. Com a elegância do costume ele tinha chamado a essa sub-disciplina o "hóspede de Job" do Desenho. Eu, mal ou bem, tinha também feito uma intervenção a favor de um Desenho liberto daquela especificidade arquitectónica tão próxima dos aspectos mais burocráticos do projecto devolvendo a bola para as "Arquitecturas".

Na Bénard, lutávamos com uma dúvida bem mais lancinante: O que beber? Café não, por ser muito quente. Algo alcoólico também não, porque nos esperava um resto de tarde de trabalho. *Coca-cola* nunca. Até que eu sugeri um *mazagran*. Na Bénard, naquela tarde, àquela hora, o *Mazagran* era a solução perfeita. Ele desde logo me fez sentir quão adequada era a minha sugestão e entre nós pairou a cumplicidade de saber saborear um *mazagran* como a de saber que, para cada situação, deve haver uma solução perfeita.

Começando pelo fim, dir-se-ia que, segundo Daciano da Costa, as actividades projectuais e especialmente a arquitectura se concretizavam pela procura do *Mazagran*. Cada programa, fosse de design de produto ou mais especificamente de design de arquitectura ou ainda mais especificamente de design de ambientes conduzia, por um processo de síntese, ao descobrimento da sua solução, da solução perfeita implicando a recusa do pronto-a-vestir, da solução enlatada.

Uma das histórias que costumava contar para ilustrar qual era a dimensão e o âmbito da disciplina era a do "mirone" que vê um homem em dificuldades a cavar com uma picareta no fundo de um buraco e lhe sugere que corte o cabo para metade do comprimento. Esta história ilustra não só o aspecto do produto "feito à medida" mas também o do observador que pratica observando, ou seja, aquele que imagina a solução para um problema que resulta da observação. Aqui e na didáctica de Daciano, imaginar significa desenhar mentalmente, construir uma imagem da solução que, por optimizar a situação ou a situação imaginada se pode multiplicar. Neste sentido, a minha perspectiva da obra de Daciano da Costa não pode concordar com aqueles que colocam uma ênfase nos objectos face ao espaço mas antes em objectos de espaços capazes de sair para povoar o mundo[3]. Não serei capaz de conceber um processo de concepção querido de Daciano que não coloque sempre os objectos em todas as suas dimensões com privilégio para o espaço existencial arquitectónico. No entanto, não se trata aqui de comentar a produção *Designistíca* de Daciano, outros o farão bem melhor do que eu, mas sim de localizar no seu aparelho conceptual o Ensino Universitário e dentro deste o ensino das actividades projectuais e, dentro destas, o Desenho e dentro deste a qualidade vital da perspicácia.

No texto que dá origem ao título da colectânea "Design e Mal-Estar",[4] curiosamente uma comunicação feita durante as Jornadas do Design do IADE, Daciano enumera as tarefas que ajudarão a "delimitar um TERRRITÓRIO DO DESIGN":

> " - a identificação e o aprofundamento da sua matriz teórica, para dar corpo a uma Teoria do Design;
> - o desenvolvimento de procedimentos de investigação, para observação e crítica do Ambiente humano;

[3] Cf. SPENCER, Jorge, MARTINS, João Paulo, "O Ofício e o Método" in *Daciano da Costa, Design e Mal-Estar*, CPD, 1998, p. 106
[4] COSTA, Daciano da, *Design e Mal-Estar*, sel. e coord. de imagens de Jorge Spencer e João Paulo Martins, col. Design, Tecnologia e Gestão, Centro Português de Design, Porto 1998

- o estudo e a experimentação de Metodologias evolutivas e apropriadas no quadro socio-económico e cultural;
- a modernização das técnicas de representação e de comunicação, dentro da Cultura do Desenho, sem perda da manualidade."[5]

Com "TERRITÓRIO" ele afirmava o "campo de investigação da Disciplina" delimitando-o do "MERCADO",[6] lugar do exercício da profissão. O campo de investigação seria, em consequência, o corpo em construção da actividade académica universitária do Design. Farta e bastante herança!

Independentemente de a quarta tarefa se ter transformado quase num oximoro e aparecer nesta tetralogia aparentemente sem outra razão do que a ternura arqueológica pelos processos que instituíram a disciplina, na segunda tarefa encontramos a "observação e crítica do Ambiente humano", que muito directamente se relaciona com o Desenho de Observação.

No mesmo texto, Daciano assinalava a progressiva e intrusiva sobreposição da Engenharia e do Marketing no campo do Design, disciplinas que colocava fora da Cultura do Desenho[7]. Esta cultura, a sua definição e defesa estavam sem sombra de dúvida incluídas nas intenções de Daciano na Didáctica e Pedagogia da Disciplina de Desenho II da licenciatura em Arquitectura, por ele leccionada entre 1977 e o início dos anos noventa.

Jorge Spencer deu já nota das contaminações evidentes entre a produção projectista e os exercícios propostos aos alunos nos aspectos mais conceptuais do Desenho. [8] Maria Helena Souto e João Paulo Martins têm referido o papel do desenho na história do processo criativo de Daciano.[9] Numa obra *compreensiva*, Ana Glória Neves inventariou também os textos de teoria do Design Português no séc. XX, sendo a manualidade desenhística uma das suas características.[10] Também, num texto recente, dei conta das contaminações entre o evolucionismo Lamarckiano e o exercício das Metamorfoses das cadeiras dos mestres.[11] No entanto, há muito pouca literatura e reflexão sobre o papel do desenho de observação no edifício do mestre. E vale a pena desenvolver este tema, porque desde logo coloca a questão central de transmissão de qualidades pedagógicas em torno de conceitos-chave, e também porque o autor destas linhas se devotou a desenvolver currículos de Desenho centrados apenas no desenho de observação.[12]

---

[5] *Idem*, p. 41

[6][6][5] *Ibidem*, As caixas altas são da responsabilidade de Daciano. É fácil imaginá-lo a levantar a voz para clarificar as dicotomias presentes no texto: Mercado e Território e Metodologia e Programa.

[7] *Ibidem.* p.40

[8] SPENCER, Jorge, "Daciano da Costa e o Desenho de Estudo, O Acto do Projecto e o Ensino", in Daciano *Costa Designer* (catálogo). Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001 pp. 22-29

[9] Cf. SOUTO, Maria Helena, Do Ensino das Artes Aplicado à Indústria, às Primeiras Experiências de Ensino do Design em Portugal, ," in *Arte Teoria, Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*, nº5., p. 146-151. Lisboa, 2004 e SOUTO, Maria Helena, Caminhos do Design (e a Guerra do Alecrim e da Mangerona da Arte e Técnica) *Croquis de Viagem, Travel Drawings*, p. 13,17). Catálogo de Exposição, Lisboa, Livros Horizonte, 1994 e MARTINS, João Paulo, Daciano da Costa Designer, in Daciano *Costa Designer* (catálogo). Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001 pp. 78-89

[10] RATO, Ana Glória, *Daciano da Costa e a Teoria do Design Português (1959-1974)*, Dissertação de Mestrado em Teorias da Arte, Lisboa, orientação de José Fernandes Pereira, FBAUL, policop. 2002

[11]CÔRTE-REAL, Eduardo, "Do Tirar Polo Natural, Antecedentes Científicos da Autonomia do Design," in *Arte Teoria, Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*, nº5., p. 136-145. Lisboa, 2004

[12]Refiro-me aos currículos da revisão do plano de estudos da licenciatura em Design da ESD do IADE em conteúdos programáticos semelhantes aos de Desenho I e Desenho II da licenciatura em arquitectura da FAUTL foram distribuídos pelas disciplinas de Análise Morfológica, Análise Cromática, Métodos de Representação e, naturalmente, Desenho I e Desenho II ficando o Desenho I destinado à observação. Desde 2004 foi desenvolvido o módulo de Estudos de Desenho de Observação no Mestrado em Design e Cultura Visual.

Designers de Serviço Público,
Ou o Processo do Desenho e de quanto aproveita à república humana nos tempos do Design:

Em 1990, Daciano elaborou o relatório[13] da sua actividade como Professor Convidado na FAUTL referente ao precedente quinquénio[14].

Embora extremamente rico de sustentação cultural, o relatório corresponde, na sua concretização pedagógica, a um programa divido em três trimestres: Desenho de Observação, Experimentação da Cor e Transformação pelo Desenho.

Naturalmente que a experimentação da Cor, embora à boca pequena, era também um 'hóspede de Job'[15]. Tínhamos, então, especificamente de Desenho, a Observação e a Transformação.

O "Desenho como Processo" desfiava-se em três categorias: Análise, Crítica e Síntese que por sua vez se incluem nos objectivos gerais de "aprofundar uma matriz teórica (nível da *produção de conceitos*; Investigar o território (nível do *inquérito*); transformar o ambiente (nível de *solução de problemas*)".[16] Simples é de constatar que, mais uma vez, exclusivamente da prática *desenhística*, tínhamos o **inquérito** e a **solução de problemas**.

Este binómio exprime na sua versão mais simples o processo do Desenho: Inquirir e Resolver através de processos analíticos (desmontar em partes), críticos (hierarquizar as partes enfatizando algumas e as suas relações) e sintéticos (reconstituir um novo todo).

---

[13]COSTA, Daciano da, *Recondução para Professor Convidado na Área Científica de Comunicação Gráfica da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa*, policop. FAUTL, Lisboa, 1990

[14]O quinquénio 1985-1990 corresponde aos primeiros anos de vida da Faculdade de Arquitectura no seio da Universidade Técnica de Lisboa. É curioso que Daciano não assinale esse facto no relatório, docente de Arquitectura desde 1977. O Professor e o pedagogo escapam às polémicas políticas que levaram ao encerramento da Escola Superior de Belas Artes no período do PREC como à criação do Departamento de Arquitectura da mesma Escola e de todo processo de "sujeição" à UTL. Se Frederico George e Augusto Brandão estiveram no relançamento do curso de Arquitectura da "Escola de Lisboa", já apenas este último conduziu o Departamento à inclusão na UTL. (Que fique claro, aqui e antes que lendas se substituam a factos, que o autor destas linhas, quando aluno, numa RGA destinada a laurear a decisão de secessão com a ESBAL, foi a única pessoa a votar contra a inclusão de Arquitectura na Universidade Técnica de Lisboa, depois do corpo docente e os funcionários terem aprovado por unanimidade o "pedido de adesão").
A única referência a este processo constituiu-se num diplomático alerta:

> "Também se quiséssemos falar duma *Escola de Lisbo*a teríamos de radicá-la na tradição das práticas artísticas artesanais do *Desenho* que permanecem fortemente e tendem a fixar-se agora como modo de manter a sua identidade dentro da Universidade Técnica de Lisboa"(p. 12)

O enfoque de Daciano no testemunho de Frederico George, através de um texto de 1964 para a ESBAL (p.10) radica nas Belas-Artes, não "académicas" a modernidade do seu programa da segunda metade dos anos oitenta.
Em conversas com os seus Assistentes e Monitores, Daciano reflectiu muitas vezes sobre uma possível invasão tecnocrática que se combateria facilmente com a adopção de documentos capazes de competir formalmente com os documentos técnicos. Neste contexto foram introduzidos os enunciados de exercício como "contractos entre professor e aluno" com uma matriz muito clara que devia conter um certo número de items. Pasme-se que tal coisa não era usança na Escola, especialmente nas disciplinas projectuais onde era normal os Docentes "ditarem" os trabalhos e mudarem as regras a meio do processo.
A transformação formal do Departamento em Faculdade correspondeu, de facto, a uma tumultuosa transição, nem sempre bem concretizada a favor de uma *Escola de Lisboa*, que já então, em 1990, Daciano assinalava em desagregação:

> "Reconhecer, sem complexos o percurso (e uma época) que vem de José Luís Monteiro a Frederico George passando por Cristino da Silva poderia ser uma boa achega para a imagem pouco cuidada e mal defendida da Escola de Lisboa." (p. 12)

[15]Já no programa de Desenho para o curso de Arquitectura do Design, a Cor marchou alegremente para o Desenho I onde ficaram localizados a quase totalidade dos exercícios em torno de procedimentos taxionómicos.
[16] *Idem*, pág. 14

É aqui, na tensão entre inquirir e resolver, que a perspicácia é vital e identificável no desenho de observação. O "desenhador" estabelece um contrato com o seu fim projectista ou projectual. Ao nível do processo formativo em que estávamos a trabalhar não se admitia um 'grau zero' do desenho, um desenho pelo desenho. Não admitia portanto, Daciano, um desenho exercício, habilidoso, auto contemplativo nos truques. O desenho era fortemente condicionado pela ética de se estar ali a ensinar futuros arquitectos ou, depois, designers. Daciano não ignorava certamente todas as dimensões do Desenho, especialmente aquelas que se referiam às ciências e às artes plásticas, no entanto, apesar de naqueles *conhaques* se poder debicar, o ensino estava fortemente condicionado pelo seu objectivo último, projectual, arquitectónico.

Para aprender a ensinar, separar este trigo do joio parecia tarefa quase impossível. Neste sentido, as obrigações da coordenação que tinham levado Daciano a instituir sessões de avaliação com todos os assistentes eram a única pista de que dispúnhamos. Todos tínhamos noção que não estava em causa a "correcção académica" dos desenhos mas sim a evidência de uma atitude moderna, em certos limites difícil de destrinçar. Quinhentos anos de desenhos de observação espreitavam por cima dos nossos ombros com curiosidade.

Chegados a este ponto será talvez importante esclarecer que, qualquer que fosse a definição e sequência das operações, fases ou dimensões pertinentes no Desenho para o projectista, Daciano tinha já dado demonstração cabal que, na sua obra, o processo funcionava. Se o desenho de observação deveria entrar no processo formativo bem como na produção quase quotidiana estava bem demonstrado pela sua capacidade como criador. Se os quinhentos anos de história legitimavam o desenho de observação na formação do projectista, a sua história pessoal o confirmava também. A perspicácia que reclamava e distinguia nos melhores alunos era algo por ele conhecido, assimilado e experimentado.

Percebes Tu?
Ou como o bom restaurante se distingue pela qualidade do trivial: batatas cozidas:

Não tão consagrado quanto o mestre, o jovem assistente[17] de Desenho II podia socorrer-se de um Dicionário da Língua Portuguesa[18] onde encontramos:

> "Perspicácia: Qualidade daquele que é capaz de penetrar com subtileza, prontidão e inteligência no âmago das coisas e dos factos, que é capaz de prever o desenrolar de uma situação ≅ sagacidade."

E:

> "Perspicaz: 1. Que se apercebe da natureza das coisas ou das situações de um modo imediato e subtil; que tem agudeza de espírito ≅ fino, sagaz. 2. Que revela observação atenta, apreensão subtil e profunda de um facto, de uma situação."

---

[17] Fui contratado como assistente estagiário em 1986 no primeiro concurso aberto para docentes da recém criada Faculdade de Arquitectura da UTL. Não fui aluno de Daciano como muitas pessoas julgam. Nesse concurso, fui o único recrutado para Desenho. No entanto, tinha começado a actividade docente como monitor de Pedro Fialho de Sousa em Desenho II no ano anterior. Depois de dois anos de "Programa Autónomo", como vem mencionado no seu relatório de 1990, todos os assistentes de Desenho II passaram a estar sob a coordenação efectiva de Daciano da Costa. Contavam-se nesse número, de um modo mais constante Maria Eduarda Lobato de Faria, Catarina Cotinelli Costa, José Neves, Cristina Ramos e eu. A Teresa Faria Blanc do grupo inicial foi viver para Barcelona e abandonou a carreira académica. O Armando Melo manteve-se com um programa autónomo. Como monitores passaram pelo grupo o Jorge Spencer e o João Paulo Martins. Nesse período foi também convidado o Manuel Mateus que declinou pois queria ensinar Projecto.

[18] *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, 2001

Daqui resultam as qualidades do perspicaz:

Atenção
Subtileza
Rapidez
Prontidão
Inteligência
Capacidade de previsão
Acutilância
Profundidade
Sagacidade

E as áreas de incidência da perspicácia:

Natureza das coisas ou das situações;
Âmago das coisas e dos factos;
Dinâmica das situações;

Como é que as qualidades se revelam:

Penetrando.
Observando.
Apreendendo.

Postulando que a identificação da **natureza das coisas e situações,** que permite atingir o **âmago das coisas e dos factos**, é condição para iniciar o processo de Design e que o seu resultado é o controle da **dinâmica das situações**, um conjunto de desenhos mais perspicaz que outro, tendo em consideração um mesmo tema, teria de revelar todas aquelas qualidades "em melhor" demonstrando que o seu autor tinha:

Penetrado, ou seja: estava no interior do tema. Era testemunha, tinha vivido, era parte do tema.
Observado, ou seja: que, como testemunha dentro do tema, tinha visto analiticamente o que o rodeava.

Apreendido, ou seja: que como consequência de testemunhar analiticamente tinha conservado e interiorizado essa experiência ao ponto de a reorganizar para a evocar (ou mesmo manipular).

A Perspicácia lidava então com o Trivial da actividade projectual. Aquilo fundamental sem o qual o exercício da profissão é impossível. Do mesmo modo que uma criada de servir, como contava Daciano, poderia dizer *"Minha Senhora, sei o Trivial: estrelar ovos, fazer sopa, lavar e engomar, fazer as camas, atender o telefone…",* etc.

Pediam-se então desenhos, ou um processo de desenhos, que demonstrasse aquelas três condições sendo atentos, subtis, rápidos, prontos, inteligentes, acutilantes, profundos, sagazes e "proféticos" constituindo-se como o conhecimento trivial sobre o facto estudado.

Mas antes de entrarmos na análise destas qualidades talvez convenha reflectir nas qualidades que aqui não entram e que normalmente são associadas aos desenhos. Não se pediam ou valorizavam desenhos

expressivos, sensíveis, contemplativos, sugestivos ou bonitos. O desenho perspicaz não se podia confundir com *larilolés* normalmente associados ao Desenho como um ramo das Belas-Artes, mas sim, mais uma vez, seguindo uma receita que funcionava, apurada no lume brando da prática educada dos aristocráticos *ateliers* da geração projectista do pós-guerra de novecentos.

Tal como uma boa gravata de lã ou uma boa *vichyssoise* não davam lugar à improvisação, a sequência das qualidades da perspicácia corresponde a uma receita que não falha, base para a variação, como muitas vezes defendia Daciano. E, em alternativa, a participar algumas sessões de avaliação, poderemos, então tentar identificar num seu processo de desenho de observação essas qualidades:

1. **Atenção:** Não se encontra nenhum sinal de distracção.

2. **Subtileza:** A qualidade da linha resulta apenas do atrito, consequência de uma empunhadura do instrumento riscador como que se de um pincel se tratasse. O gesto é intelectualizado. A qualidade do sinal não perturba a leitura, tende para a neutralidade sem o ser (como uma pessoa subtil a ironizar com um economista ou um reitor).

3. **Rapidez:** O desenho é rápido, não porque tenha demorado muito pouco tempo mas sim porque não há hesitações a partir do momento em que a mão se põe em movimento.

4. **Prontidão:** resulta e condiciona a anterior. A mão à mente responde sem medo como um voluntário que se apresenta para arrumar a cozinha depois de uma festa.

5. **Inteligência:** Sem querer estar a definir inteligência, fiquemo-nos pela qualidade de tornar inteligível e, portanto, comunicar com clareza. As linhas que preenchem superfícies e delimitam figuras hierarquizam o desenho enquanto "estudo".

6. **Acutilância:** Os desenhos incidem sobre as questões mais importantes tornando-se agudos, eliminando o supérfluo e o "grave"(o ruidoso).

7. **Profundidade:** Os desenhos escavam a superfície e revelam leis ocultas. Ainda que de destino duvidoso, o "estudo" limpa a superfície à procura e uma lei que seja apreensível.

8. **Sagacidade:** Usa sabiamente o seu conhecimento técnico para atingir os seus objectivos.

9. **Proféticos:** É sabido que Picasso se dedicou as *Meninas* de Velazquez como a outros clássicos com sanha recreadora. O estudo de Daciano procura dar um passo em frente, tal como Picasso tinha já dado. O passo não foi dado mas a intenção está lá.

Constata-se que neste edifício construído à volta da perspicácia que a tentativa de "profetizar" tudo comanda. Sem aquele desejo de olhar como Picasso para a obra de Velazquez, ou seja como um pintor ou criador, muitas destas qualidades não seriam evidentes. A Perspicácia exige uma atitude e auto consciência do processo em que se participa. Nas sessões de avaliação, os perspicazes, por vezes pareciam-se com os seus desenhos e outras vezes não. A perspicácia podia também revelar-se sem qualquer aviso como novidade ou epifania no percurso de um aluno especialmente quando alguns pareciam passar do modo da auto-observação para a observação do mundo.

Neste sentido será enganador entender os seus *croquis* publicados como uma receita formal. A maioria dos seus *croquis* de viagem expostos não são um bom exemplo da perspicácia de um designer de produto ou de interiores, mas sim da perspicácia de um pintor. A epígrafe deste texto, retirada da Memória Justificativa

do catálogo, acusa também esse toque. Quem visitou o atelier do mestre no final dos anos noventa podia ver uma tela, apenas quase preparada, a partir de uma vista do seu jardim. Provavelmente foi uma das últimas incursões de Daciano na pintura. Era um objecto *flâneur* como a maioria dos desenhos no catálogo. Esta atitude não resultava unicamente de alguém que já não precisa da pintura ou do desenho artístico para viver. "Flanar" desenhando revelava a perspicácia de procurar algo que poderia resultar "Nabis" ou "matissiano" e ainda ir a tempo de ser pintura, original mas *demodè* com a mesma posição aristocrática de Balthus, por exemplos. A grande maioria dos desenhos expostos e publicados revelam traços como pinceladas ágeis, atenciosas e suaves, educadas e irónicas, afectadas e penetrantes, sábias e anacrónicas exercendo assim uma espécie de perspicácia proustiana.

> *"Os Croquis, na obra de Daciano, são a prova da transição das artes plásticas para o Design, opção profissional que tomou desde cedo, onde o desenho tem uma importância preponderante. Chegou, no entanto, a participar em várias Exposições de Pintura antes de tomar, definitivamente, o caminho do design, actividade que tem na base do seu processo criativo «a apropriação do visível como modo de registo profundo», e a sua obra, Croquis de Viagem, bem demonstra."*[19]

Seria pois extremamente arriscado tomar a forma dos seus *croquis* como correspondendo à perspicácia que nos atormentava quando o assistíamos a ensinar designers e arquitectos. Muitas das exigências essenciais dos aspectos construtivos, compositivos e de montagem associados ao design tridimensional diluem-se no lápis *dandy* do cultivado *touriste*.

Do conhecimento tácito transmitido por ele sabemos reconhecer nos seus desenhos a perspicácia do Daciano pintor ou do Daciano arquitecto, ou artista gráfico, ou designer de produto.

Tal como nas suas "Romarias ao Românico", na senda da alucinada geração modernista catalã, se encontra claramente o arquitecto, nas ilhas atlânticas francesas está bem patente o pintor.

Raia em Manteiga e pimenta verde,
Ou pequeno tributo a um desenho:

O desenho foi feito em Plaisance, na ilha de Oleron na costa ocidental de França, em Julho de 1991.

É feito com um marcador fino ou uma caneta de aparo sobre uma folha de 24x32cm e tem o nº.196, no catálogo da exposição de Croquis de Viagem realizada em 1994.

O desenho exibe todas as qualidades da presença da linha negra sobre uma superfície branca.

O desenho descreve a flora das dunas, o princípio da fronteira entre o mar e a terra. Identificam-se claramente espécies vegetais diferentes. Adivinha-se o crescimento de um pequeno bosque de arbustos para um dos lados, para o outro cresce a areia e, depois, o invisível mar. Os arbustos e as ervas reproduzem as acções, por vezes contraditórias, dos ventos próprios de uma ilha atlântica, baixa e serena.

Do lado direito retorcem-se linhas mais convulsas e densas, o centro é dominado pelo afastamento de arbustos mais delgados que recuam como que deixando ver uma boca de cena onde, atrás, se desenvolve

[19] RATO, Ana Glória, *Daciano da Costa e a Teoria do Design Português, (1959-1974)*, dissertação de Mestrado, Mestrado em Teorias da Arte da FBAUL, orient. José Fernandes Pereira, Lisboa, policop. 2002 p. 124

o bosque, ao mesmo tempo, misterioso e acolhedor. No plano mais próximo e quase esquecidas pairam as raízes, manifestação evidente do mundo subterrâneo…

A vegetação ocupa sensivelmente a metade superior da folha, que está ao baixo. A outra metade é areia, apenas sugerida por poucos sinais pontuais. Assim, toda a perspectiva é possível, na nossa direcção. Sabemos que para fora do papel estamos nós e que, para lá e para a direita está o mar. Quase que se pode cheirar.

Este momento, calculo que meia hora, procura indelevelmente tudo o que próximo do sublime pode haver numa obra pictórica. A sua dimensão poética carrega dois séculos de pintura. A sua geometria oculta toca o manto abstraccionista, a sua perspectiva sugerida evoca sabores orientais.

Naquela altura, e de regresso, o professor Daciano descreveu-nos (um grupo que com quem ele almoçava no restaurante "Sinal Verde") um prato de raia que comera em Oleron. A raia era simplesmente assada em manteiga e coberta de pimenta. Não me lembro dos pormenores. Lembro-me, sim, das mãos que desenhavam, no ar, a confecção e apresentação do prato, que desenhavam o odor e o sabor e a sua ressonância sobre a abóbada palatina.

As razões daquela viagem não eram turísticas, antes se prendiam com um problema de saúde de um familiar.

A presença da uma força latente, de uma serena resignação e da maior indignação manifestam-se no desenho na ligação com aquela vegetação da fluida fronteira entre a terra e o mar. Entre os mistérios do grande vazio e a irrupção florescente da vida, de uma forma convulsa ou ondulada, serenos ou agitados, pulsando ou estiolando, estamos todos nós, na nossa fronteira, sempre perto dos nossos limites.

Sempre senti, desde criança, que a compulsão para desenhar me ia levar a um mau fim. Teria trocado de bom grado, em alturas de aflição escolar, um pouco da unha para o desenho por um bom dedo para a matemática. Quando comecei a ensinar desenho não sabia ainda se estava do lado do bem, aquilo era apenas o resultado de uma espécie de demência e surgia a possibilidade de a aproveitar.

Devo ao Professor Daciano da Costa a certeza que o Desenho não é bom nem mau, está apenas do lado do Homem e dá sentido ao seu mundo.

É através do contacto com esse mundo visto pelo Desenho que a nossa respiração faz sentido, que se pode ouvir e se torna nessa música vital que tão gritantemente o desenho de Oleron nos transmite.

Mas o teu avô era um senhor!
Ou uns sujeitos à procura de uma ética (conclusão):

> *"Para isto há uma moral qualquer que é o resultado da moral puritana do trabalho do artesão, que é aquilo que eu sou mais. Sou um gajo que faz coisas, e também com grande vontade de as fazer. Gosto da minha vida e gosto de viver como vivo."*[20]

[20] Depoimento de Daciano da Costa recolhido a 18 de Abril de 2002 em RATO, Ana Glória, *Daciano da Costa e a Teoria do Design Português, (1959-1974)*, dissertação de Mestrado, Mestrado em Teorias da Arte da FBAUL, orient. José Fernandes Pereira, Lisboa, policop. 2002, Anexos p. 65.

Um dia, em conversa, Daciano chegou à conclusão que eu era neto de meu avô, Eduardo também, director técnico da SPAL ao tempo em que ele tinha vencido um concurso para a produção de uma linha moderna de porcelana. Para além disso me ter valido ganhar uma peça única, valeu-me também uma exclamação: *Ah, mas o teu avô era um Senhor!...* Eu era, portanto, ainda um "Rapaz[21]", longe de ser um Senhor.

Nos primórdios da Faculdade de Arquitectura, um grupo de jovens assistentes procurou implementar o programa de Daciano da Costa já Senhor. Esta senhoria manifestava-se em objectos tão marcantes como a Reitoria da Universidade de Lisboa, a Biblioteca Nacional, o edifício da Fundação Calouste Gulbenkian. Segundo o depoimento de Daciano recolhido em 2002 por Ana Glória Rato, aqueles anos em Arquitectura foram uma experiência muito interessante.[22] Um período de grande enriquecimento. Para nós foi um período fundamental. Tenho como muito claro que, para mim, só o desenho de observação é que era importante. No entanto, enfrentei de cara alegre o 1º ano de Desenho da Licenciatura de Design que incluía todo o taxonómico óleo de rícino da disciplina. Em noitadas, o José Neves e eu elaboramos exercícios que logo eram destruídos com sarcasmo até polirmos a nossa cerviz regressando à coerência do PROCESSO.

Estar ali não era nenhum jogo. Num país de magros recursos, não havia lugar a experimentalismos. Contribuir para a formação de arquitectos e depois designers era algo que lhe tinha sido solicitado como uma encomenda. Com a atenção que um projecto lhe merecia, o Desenho II da licenciatura de Arquitectura da FAUTL consistentemente procurou uma ética com profundidade temporal, sem subserviência, educadamente devedora de Frederico George e dos seus mestres. Cumpriu-se a receita. Ainda assim com um toque de frivolidade lisboeta.

Desse *ethos* destaquei a perspicácia, que talvez só hoje compreenda completamente.

Talvez seja a primeira condição no caminho para a Virtude, ser perspicaz. Talvez não passe de um ritual iniciático, a demonstração da sua posse… Como antónimo de perspicácia só me ocorre 'cegueira'.

Não me parece que haja futuro para a cegueira em design ou arquitectura.

[21] Quando o José Neves foi contratado foi-lhe, naturalmente, atribuída a turma da noite. Daciano pediu-me para lhe transmitir a informação do que já estava em andamento com a expressão do dito Vicentino: "*Já mê môço môço tem*"...
[22] *Idem* p. 62